

06

Uma análise de caso sobre representações LGBTQI+ em quadrinhos de super-heróis: sobre a representação de Constantine na edição especial *DC Pride*

A case of analysis on LGBTQI+ representations in superhero comics: the representation of Constantine in the DC Pride special edition

Mário Jorge de Paiva

Doutor em Ciências Sociais (PUC-Rio)

Professor da rede pública estadual de São Paulo

E-mail: mariojpaiva91@gmail.com





Resumo

O presente trabalho possui por objetivo realizar uma análise de caso de uma representação LGBTQI+, dentro do universo dos quadrinhos, dando enfoque ao material comemorativo *DC Pride* (2021) e à personagem John Constantine. Optamos por uma abordagem com metodologia qualitativa, em que faremos uma leitura de tal material partindo da história dos quadrinhos, e de como eles representaram o universo LGBTQI+. Em termos de aporte teórico selecionamos autores como Dandara Cruz, Darieck Scott, Ramzi Fawaz, Rob Lendrum, Mário Paiva (2023) etc. Nossa conclusão envolve ver como existiram mudanças, do velado e das dubiedades se passou para representações abertas e isto envolve conjunturas sociais, históricas e mercadológicas.

Palavras-chave: LGBTQI+. Quadrinhos. *Comics*. *DC Pride*. *Queer*.

Abstract

The present work aims to carry out a case analysis of an LGBTQI+ representation, focusing on the commemorative edition called *DC Pride* (2021) and the character John Constantine. We opted for a qualitative approach, in which we will make a reading of such material, starting from the history of comics, and how they historically represented the LGBTQI+ culture. Our conclusion involves seeing how there were historical changes, in which the veiled and

dubious passed to open representations and this involves social, historical and market changes.

Keywords: LGBTQI+. Comic books. Comics. DC Pride. Queer.

Introdução

Como é abordado por uma série de pesquisadores, aqui podemos citar Sarene Alexandrian (1993), Michel Foucault (2010), Andrews *et al.* (2024) etc., existem representações de amor não heterossexual desde períodos clássicos da história da Europa.¹ Em nossa leitura, seguindo o aporte, cremos que tais representações são historicamente e socialmente moldadas, cada época possuiu suas próprias questões, proibições etc. Por causa disso, gostaríamos de realizar uma análise de uma representação LGBTQI+ contemporânea, baseada em um elemento da cultura *pop*, nos referimos ao mundo dos quadrinhos. O presente trabalho possui por base uma análise de uma das histórias existentes dentro da edição especial *DC Pride* (2021), da *DC Comics*.

Por que escrever um texto sobre quadrinhos? Nosso primeiro intuito se dá por acreditarmos que quadrinhos

1 Se seguirmos Otto Maria Carpeaux (2012), veremos como muito do que sabemos sobre a cultura Greco-romana, clássica, envolve Homero, Platão, a poesia lírica. Ora, tais elementos já se mostravam perpassados por questões como o amor entre dois homens etc.

são menos estudados, dentro do campo das representações LGBTQI+. Como apontou Pierre Bourdieu (2011), há nos quadrinhos ainda um aspecto de arte média em vias de legitimação, logo, por não estarem totalmente integrados ao capital cultural mais elevado, possuem um elemento ainda marginal. Isso se soma ao fato de que o *pop*, como demonstra Slavoj Žižek (2017, 2018), pode nos dizer algo sobre a ideologia de uma sociedade, de um tempo.

Metodologicamente, nossa pesquisa qualitativa envolveu: primeiro, uma revisão de material acadêmico sobre essa soma entre a história dos quadrinhos e certas questões LGBTQI+; segundo, um direcionamento de recorte para um ponto ainda pouco explorado, no caso essa edição especial de 2021 e a personagem Constantine; terceiro, a leitura e uma análise crítica do material. A hipótese do trabalho orbita por uma questão que, inegavelmente, possui certo grau de subjetividade: a representação de Constantine foi efetiva ou esbarra em alguns problemas típicos desse universo de histórias?

Representações LGBTQI+ em quadrinhos de super-heróis americanos

Nossa primeira consideração no presente seguimento, em termos de recorte de pesquisa, envolve dizer que ao estudarmos quadrinhos americanos estamos vendo um

universo particular do tema. Se olhássemos para certa produção de outros países resultados diferentes apareceriam. Exemplo óbvio é o Japão, que, com seus *mangás* e *animes*, explora de forma bem mais incisiva tal existência de um universo mercadológico de representações LGBTQI+, sendo isto um nicho de mercado já consolidado, através de rótulos como *BL*, *Yaoi* etc.² Como exemplo, poderíamos comentar o *mangá Junjou Romantica*,³ e toda sua lógica de *seme vs uke*.⁴

Enquanto um universo rico, não há uma leitura final dos quadrinhos americanos. Sob um rótulo só, estamos colocando uma infinidade de escritores, desenhistas, editores. Não há uma perfeita coesão interna de todos sobre o tópico, sendo assim um campo da sociedade e, por isso, estando sujeito aos seus conflitos. Entes, mais ou menos, consolidados dentro do campo. Artistas, mais ou menos, transgressores em relação ao que é modal dos gibis. Uns sempre apontaram os quadrinhos como um campo para o *queer*,⁵ enquanto outros vão falar, exatamente, do mundo

2 Cf. Zsila et al. (2018), Teixeira (2017), Tanko (2009) etc.

3 Cf. Nakamura (2006).

4 Cf. Tanko (2018).

5 *Queer*, em termos simples, é aquilo que não é heterossexual. É uma palavra com senso de alteridade. Era usada como ofensa, mas a comunidade LGBTQI+ lutou e se apropriou da ampla designação, como uma forma de resistência. Em uma forma política de alianças entre diferentes lutas, para indicar aquilo que é estranho ao dominante.

dos quadrinhos como um espaço para consumidores masculinos e heterossexuais.

Darieck Scott & Ramzi Fawaz (2018, p. 197), por exemplo, dizem existir neles, nos gibis, algo *queer*, com muitos marcadores estéticos e sociais, além dos elementos alegóricos, seja o empoderamento das heroínas ou mesmo o vírus Legado dos X-Men, que faz um paralelo com a epidemia de AIDS (Fawaz & Scott, 2018).

Rob Lendrum (2004) discute também com tal questão, ao apontar certas críticas ao possível homoerotismo daqueles fortes homens de meia-calça. Dentro das funções do uniforme, apontadas por Shyminsky (2011), vemos uma necessidade de fazer o herói se separar da sociedade *normal*, o que mostra sua alteridade em relação aos entes que ele protege, também há símbolos de identificação das personagens.

Sobre a história da soma entre os quadrinhos, tirinhas etc., e o mundo LGBTQI+ podemos apontar: desde os anos de 1930, 1940 e 1950, como demonstra Cruz (2017), certas personagens já poderiam ser considerados alusões ao *queer*. Sendo um exemplo disso Papa Pylon de *Terry and the pirates*, conferir a Figura 1, tal personagem possuía brincos e cores, indicando que ela estava maquiada. Aqui já entra uma questão do *queer coding*, por serem representações veladas. O elemento muito criticado, desse conceito, envolve essa associação com vilões ou personagens dúbios, do ponto

de vista moral, em mais um reforço negativo do que era o homossexual, *queer* etc.⁶

Figura 1



Fonte: Dandara Cruz, 2017, p. 53.

Mesmo com ambivalências, dubiedades, um ponto de corte sempre citado é o livro *Sedução dos inocentes* de 1954. Nele há uma grande crítica moralizante ao universo dos quadrinhos, porque seu autor acreditava que ler gibis possuía correlação com a delinquência juvenil e mesmo com *distúrbios* sexuais. Com críticas, por exemplo, ao Batman e ao Robin, porque representariam o sonho idílico de um casal homossexual, com seus suntuosos aposentos (cf. Cruz, 2017). Desse livro, e de um medo dos produtores de

6 A literatura sobre a história LGBTQI+ é ampla e espalha para vários campos, vale consultar trabalhos como Trevisan (2018), Bimbi (2017), Green (2019), Green & Quinalha (2018), Mota (2019) etc.

quadrinhos de que o governo decidisse interferir de forma incisiva, foi criado um selo de regulação de conteúdo o, também muito comentado, *Comics Code Authority*, CCA, colocado pela *Comics Magazine Association of America* em 1954 (Cruz, 2017; Paiva, 2022).

Mesmo com o CCA em vigor, e em seu auge, ainda tínhamos personagens, aparentemente, representando minorias sexuais e trabalhando com ambiguidades, ou seja, ainda estavam dentro do amplo domínio do *queer coding*. Lendrum (2004, p. 70) aponta que esse elemento, ambivalente, pode ter permitido leituras polissêmicas da questão, existiam brechas dentro desse universo do CCA. O que é esperado, pois o poder, pelo menos na leitura foucaultiana, envolve suas resistências, suas *porosidades* etc.

Com todo o universo mais liberal, em termos de sexualidade, dos anos 60, 70 e parte dos anos 80, as questões pareciam ainda mais eminentes, porém, com o CCA ainda forte, tais pontos continuavam implícitos, mesmo que certos casos parecessem óbvios. Claro, tivemos pontos fora da curva, Frank Miller,⁷ Neil Gaiman,⁸ Alan Moore⁹ etc., mas, de algum modo, ainda vemos nos anos 80 representações veladas, como o Mago Extraño da *DC Comics*, conferir Figura 2 e Figura 3.

7 Frank Miller (2011).

8 Neil Gaiman (2019).

9 Cf. Alan Moore (2005).

Figura 2



Fonte: Dandara Cruz, 2017, p. 66.

Figura 3

A CCA perde força e contundência nos anos 90, o que permitiu uma nova geração de artistas tratarem de tal universo, de modo mais aberto. Aqui podemos pensar no ex-vilão do Flash, o Flautista, que se revelou *gay* e teve uma boa aceitação junto ao universo LGBTQI+, também podemos pensar no caso da personagem Estrela Polar, ver Figura 4.



Fonte: Dandara Cruz, 2017, p. 67.

Figura 4



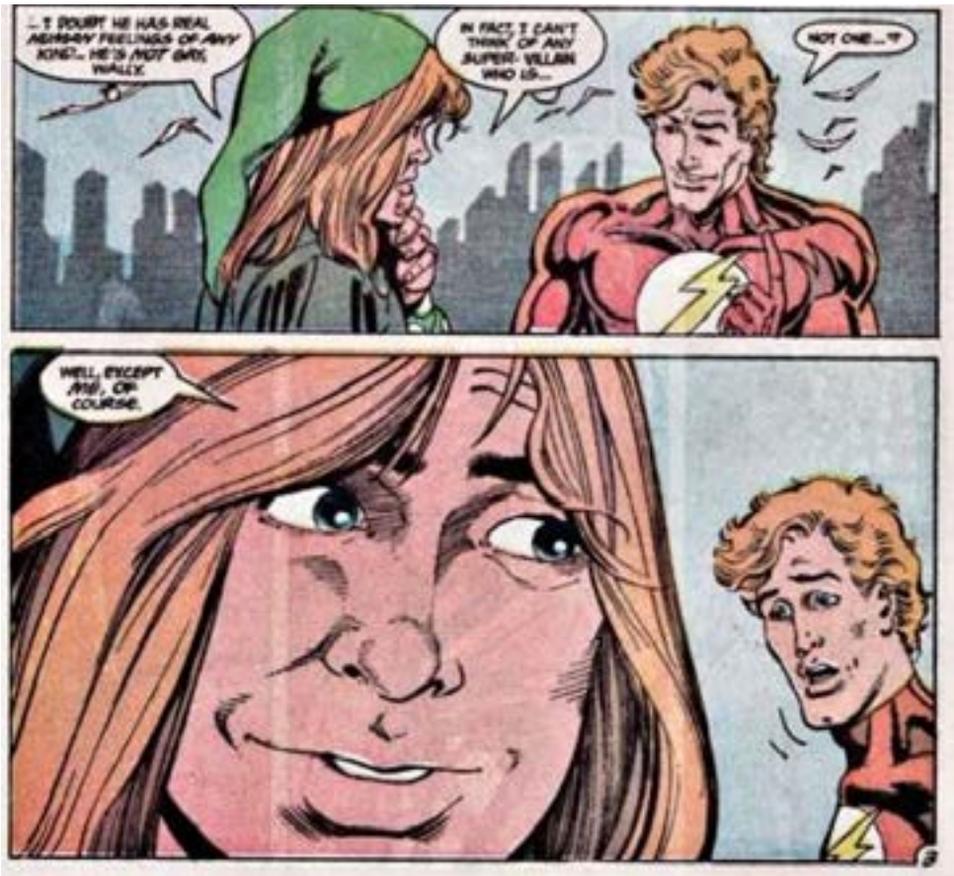
Fonte: Paiva, 2022, p. 9.

Aponta Cruz (2017) como foi dos anos 2000 em diante que essa questão, em termos ideais, pareceu alcançar sua *maturidade*. Logo, idealmente, essa representação da sexualidade de Constantine se dá em um contexto social mais favorável. É distante o pânico moral, dos anos de 1950, com essa possibilidade de um Robin *gay*. Atualmente já existe, inclusive, um Robin LGBTQI+, o que indica uma mudança dos tempos, há mesmo um Superman bissexual (cf. Taylor, 2021).

Claro, enquanto uma empresa parece que houve testes e uma abertura lenta. Primeiro foram surgindo personagens secundários ou de selos menores como LGBTQI+, *vide* o Flautista ou Constantine (cf. Paiva, 2021), até, muitos anos depois, chegarmos ao Superman *queer*, ver Figuras 5 e 6 (cf. Paiva, 2022, 2023). Mas, mesmo sendo um processo lento, o avanço parece visível.¹⁰

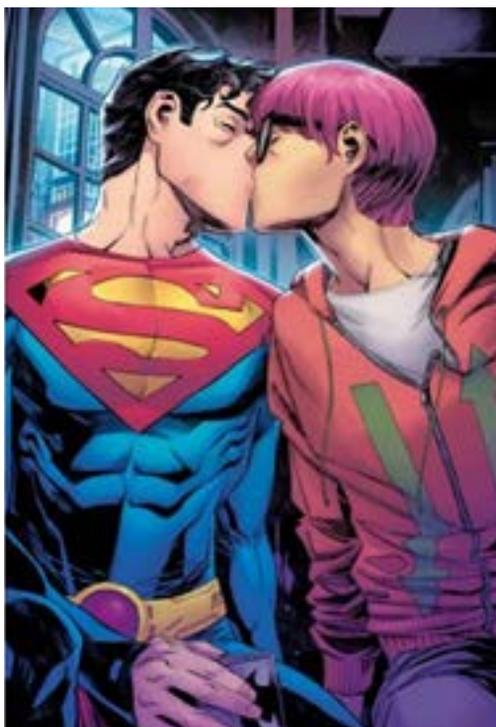
10 Enfim, tenhamos cuidado para não confundirmos a numeração do presente artigo com os *prints* das imagens, que trazer também a numeração que tais ilustrações receberam em Paiva (2022).

Figura 5



Fonte: Paiva, 2022, p. 10.

Figura 6



Fonte: Paiva, 2022, p. 15.

Sobre a edição DC Pride e sua representação de Constantine

A existência de uma edição especial dedicada ao tema, em 2021, pode ser louvada, enquanto uma aberta representação de *gays*, bissexuais etc. A edição se utiliza de personagens que historicamente possuem relação com a

questão LGBTQI+, o que é outro acerto, logo personagens como o Flautista, Constantine, o Mago Extraño etc., aparecem nas histórias.

O Mago Extraño surge mais adequado ao novo mundo, fugindo de seus exageros originais, em que a ideia de colocarem ele e Constantine em um bar é interessante. Outro momento digno de nota é a história do Flautista e do Garoto Baterista. Tal coletânea, contudo, também merece suas críticas, algo que desenvolvemos melhor em Paiva (2023). Todas as histórias são breves e há algo medíocre aqui em termos estéticos, vejamos como a Arlequina, na Figura 7, é cartunesca e estranha. Em outros termos, comparativamente, não gostamos muito do material, acreditamos que ele poderia prezar mais pela qualidade.

Figura 7



Fonte: Vita Ayala *et al.*, 2021.

Há, porém, um ponto interessante ao lermos a história da Arlequina, em tal coletânea. Refletir como há diferenças nas formas das representações masculinas e femininas, mesmo em personagens LGBTQI+. Eis o ponto: as personagens femininas LGBTQI+ ainda podem se permitir mais *sentimentalismo*? Enquanto personagens masculinas, mesmo *queer*, precisam ser mais contidas? Isto é uma questão que valeria uma análise aprofundada no futuro, em estudos comparativos entre *cases*. Não causaria surpresa se chegássemos à conclusão de que existe uma lógica ainda muito marcada na hora de apresentar papéis de gênero nessas histórias, mesmo quando são inclusivas etc., etc. Algo na lógica de que Superman ou Constantine podem *até* beijar outros homens, desde que eles não sejam muito *afeminados* ou afrontem certas convenções. Superman pode beijar outro homem, desde que não use batom ou coloque uma saia de uniforme, pois a *seriedade* do Superman talvez ainda envolva ser visto com elementos masculinos e *racionais*, contra um *sentimentalismo* feminino implícito.

Sobre a personagem Constantine, propriamente dita, ela é interessante porque foge dos estereótipos dos magos de capa e ricos dessas histórias em quadrinhos, sendo ela da classe trabalhadora, logo apontando certas tramas, as melhores, para críticas sociais, políticas etc. (Assis, 2016; Paiva, 2021). O que vemos em Constantine é uma série de *quebras* com os padrões dos mais famosos heróis. Ela não

usa capas e os uniformes espalhafatosos, não parece existir um parceiro jovem, ao estilo do Robin etc., não representando Constantine um exemplo de retidão moral ou uma força heteronormativa, para colocar a *criança queer* no *caminho* da heterossexualidade.

Na sua trama da edição especial *DC Pride*, escrita por Steve Orlando e desenhada por Stephen Byrne, acompanhamos Constantine em um bar se encontrando com o tão icônico e criticado Extraño. Em termos estéticos, é interessante ressaltar uma paleta de cores e desenhos mais realistas e sombrios, o que, em nossa leitura, deu qualidade estética maior, em relação ao material da Arlequina, por exemplo.

Extraño começa criticando Constantine, o chamando de problema, mas diz que ele já viu homens muito *piores*. Isso é a deixa para a personagem contar a história de uma aventura dela, Extraño, com outro herói LGBTQI+ famoso da editora, o Meia-Noite (cf. Cruz, 2017).

No *flashback* da trama Extraño e Meia-Noite vão até um castelo, nos Alpes, combater um vampiro nazista que quer, através de magia, mudar certos eventos históricos, *apagando* os elementos LGBTQI+ do passado. Ou seja, a trama faz referência direta à questão do silenciamento e encobrimento dos LGBTQI+, algo interessante e que discute com certa ascensão da nova direita, revisionismos etc. Os dois heróis ganham de tal vampiro e Meia-Noite lhe dá uma surra.

Com o fim do *flashback*, a história se encerra com Constantine e Extraño indo embora do bar. Constantine diz que tal personagem, Meia-Noite, parece *durão*, mas que, se Extraño lhe der uma chance, ele vai mostrar uma coisa bem *pior*. Extraño fala que é casado e Constantine diz para ele chamar o marido também.

Como vemos, há uma representação explícita de personagens LGBTQI+ flertando e o núcleo da personalidade de Constantine é respeitado. Constantine em um bar, com outro homem, é algo que já foi visto dentro do *core* de tal personagem e, na verdade, Extraño está aqui melhor do que em sua versão clássica. Há então, no fim, algo de positivo em termos de representação. Se parte de nossa investigação era averiguar se essa abordagem caiu em estereótipos negativos, *queerbaiting* etc., acreditamos que a representação nos soou efetiva, dentro de sua proposta de uma história rápida, comercial e diretamente voltada para um público LGBTQI+.

Em termos de conclusões parciais, aqui podemos apontar, como Nunan (2003), que estamos lidando com marcas, há um interesse de vendas nessas representações. Se há mais representações, elas não vieram sem o solo sociológico e histórico adequado, mas, claro, esses elementos não são estanques, logo do mesmo modo que a sociedade influencia nas representações *pop*, as representações *pop* influenciam na sociedade.

Há, como mostra Nunan (2003), toda uma série de marcas que perceberam vantagem em fazer propaganda e produtos direcionados ao público LGBTQI+. É possível imaginar que a indústria dos quadrinhos esteja precisando se reinventar diante não só de questões sociais, mas igualmente diante de desafios de outras ordens, *vide* a própria questão de pirataria virtual. A revista *Playboy* colocou na capa seu primeiro modelo masculino homossexual recentemente, mudança dos tempos, aos termos Bretman Rock de *coelhinho*.

O lado bom é que mais representações podem ajudar na diminuição do estranhamento e do preconceito. As representações dúbias já não agradam tanto, em um mundo que discute de forma, relativamente, mais aberta sua sexualidade. O *queerbaiting* se mostrou criticável, como uma tentativa desonesta de capturar o público *queer* (Moraes, 2018).

Considerações finais

De modo introdutório, o presente artigo abordou uma correlação entre os estudos de *comics* americanos de heróis e tal questão das representações LGBTQI+, tendo por ponto central um *case* recente e ainda pouco abordado no aporte acadêmico.

Fez parte de nosso objetivo mostrar como essas representações se dão em contextos específicos culturais, de maior ou menor abertura para tais pontos. Especificamente

nos quadrinhos, vimos como houve um tempo de dubiedades e silêncio, em que o melhor que se podia fazer era trabalhar com essa dubiedade contra o objetivo visado do CCA, explorar os limites de suas barreiras, mas nem todas as representações, nesse sentido, foram bem-aceitas, *vide* no caso da personagem Extraño.

Havendo hoje uma liberdade antes impossível, se pensarmos nessa representação abertamente bissexual de Constantine, flertando com outro homem em um bar, e mesmo em um Superman ou um Robin LGBTQI+ (cf. Paiva, 2022, 2023). O Robin que em outros momentos foi o símbolo desse pânico moral, se assim pudermos usar o termo genericamente, agora *saiu do armário*.

Como vimos discutido no *case* da Arlequina, talvez a qualidade dessa edição especial pudesse ter sido maior, ver mais detalhes também em Paiva (2023), mas há pontos positivos. Como questionamos, há possivelmente ainda barreiras para certas representações de gênero, porém, enquanto essa abertura de *marketing* estiver funcionando, podemos esperar mais representações de entes LGBTQI+ nos quadrinhos, e mesmo em outras mídias. Finalizamos apenas lembrando como esse debate ainda está em fase muito inicial, logo muitas questões ficam em aberto, para futuras pesquisas.

Referências

ALEXANDRIAN, S. **História da literatura erótica**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

ANDREWS, John. *Et al.* **O livro da história LGBTQIAPN+**. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2024.

AYALA, V. *Et al.* **DC Pride (2021) # 1(English Edition)**. Nova Iorque: DC Comics, 2021.

ASSIS, C. H. C. **Desbravando os infernos de John Constantine na revista Hellblazer (1988-1991)**. 2016. 181 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2016.

BIMBI, B. **O fim do armário: lésbicas, gays, bissexuais e trans no século XXI**. Rio de Janeiro: Garamond, 2017.

BOURDIEU, P. **A distinção: Crítica Social do Julgamento**. Porto Alegre: Zouk, 2011.

CARPEAUX, O. M. **História da Literatura Ocidental vol 1**. São Paulo: Leya, 2012.

CRUZ, D. P. **A outra ponte do arco-íris: discursos e representações LGBTT nas histórias em quadrinhos de super-heróis norte-americanas**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2017.

FAWAZ, Ramzi & SCOTT, D. Introduction: Queer about Comics. **American Literature**. v. 90, p. 197–219. doi: <https://doi.org/10.1215/00029831-4564274>, 2018.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade: o uso dos prazeres**. São Paulo: Edições Graal, 2010.

LENDRUM, Rob. Queering super-manhod: the gay superhero in contemporary mainstream comic books. **Journal for Arts, Sciences and Thechnology**, v. 2, n.2, 2004.

MILLER, F. **Batman**: Cavaleiro das trevas. Edição definitiva. São Paulo: Panini books, 2011.

GAIMAN, N. **The sandman**: a game of you. Nova Iorque: Vertigo, 2019.

GREEN, J. **Além do carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora UNESP, 2019.

GREEN, J.; QUINALHA, R. (org.). **Ditadura e homossexualidades**: repressão, resistência e a busca pela verdade. São Carlos: EDUFSCar, 2018.

MOORE, A. **V de vingança**. São Paulo: Panini books, 2005.

MORRISON, G. **Asilo Arkham**: uma séria casa em um sério mundo. São Paulo: Panini books, 2012.

MORAES, L. F. W. **O chame pelo nome: a percepção do público em relação a queerbaiting em séries**. 2018. Disponível em: <https://www.acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/56576/LETICIA%20WUNDERLICH.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. 3. Jan. 2022.

MOTA, M. P. **Saindo do armário**: da experiência homossexual à construção da identidade gay. São Paulo: Fontenele, 2019.

NIEL, M. **Batman e Robin**: a dupla dinâmica e sua ambiguidade. 2004. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/264550984_Mesa-redonda_Batman_e_Robin_a_dupla_dinamica_e_suas_ambiguidades. 3. Jan. 2022.

NAKAMURA, S. **Junjou Romantica – vol1**. California: Blue Manga, 2006.

NUNAN, A. **Homossexualidade**: do preconceito aos padrões de consumo. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003.

PAIVA, M. J. Análise sobre representação LGBTI+ em um quadrinho de super-heróis: Superman: Son of Kal-El. **9ª Arte**, São Paulo, v.10, 2022.

_____. John Constantine and the homoaffective question: an analysis of LGBTI+ representations in superhero comics and animations. **Rev. Sem Aspas**, Araraquara, v. 10, DOI: <https://doi.org/10.29373/sas.v10i00.14543>, 2021.

_____. Sobre Superman em *Super Pride*: conservadorismo e estética *kitsch* como elementos da representação LGBTI+ em quadrinhos americanos contemporâneos. **Aurora**, v. 16, n. 47, p. 152-170, 2023.

SHYMINSKY, N. “Gay” Sidekicks: queer anxiety and the narrative straightening of the Superhero. **Men and Masculinities**. v.14, n. 3, 2011.

TAYLOR, T. **Superman: Son of Kal-El (2021-) #5 (English Edition)**. Nova Iorque: DC Comics, 2021.

TANKO. Yaoi x BL. **Blyme**. 2009 Disponível em: <http://blyme-yaoi.com/main/2009/11/10/palavra-do-dia-yaoi-x-bl/>. Acesso em: 28 dez. 2019.

_____. Riba (reversible) e Seke. **Blyme**. 2018. Disponível em: <http://blyme-yaoi.com/2018/2018/11/04/riba-reversible-e-seke/>. Acesso em: 28 dez. 2019.

TEIXEIRA, M. C. **O mangá como tradição e contemporaneidade**: o caso de Mushishi. Dissertação (Dissertação em Letras) – Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Minas Gerais, 2017.

TREVISAN, J. S. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da Colônia à Atualidade. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

ŽIŽEK, S. **Acontecimento**: uma viagem filosófica através de um conceito. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

_____. **Lacrimae Rerum**: Ensaios sobre cinema moderno. São Paulo: Boitempo, 2018.

ZSILA, Á. Et al. Loving the love of boys: Motives for consuming yaoi media. **PLoS ONE**. Florença, v. 13 n. 6, p. 1-17, 2018.